

## **AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E A APRENDIZAGEM DE UMA ALUNA COM PARALISIA CEREBRAL**

*INTERPERSONAL RELATIONS AND THE LEARNING OF A STUDENT WITH CEREBRAL PARALYSIS*

*LAS RELACIONES INTERPESSONALES Y EL APRENDIZAJE DE UNA ALUNA CON PARALISIA CEREBRAL*

**Giulia Fagionato Peira Ruffino**

*giuliaruffino015@gmail.com*

**Solange Rodvalho Lima**

*rodovalho@ufu.br*

**Universidade Federal de Uberlândia (UFU)**

**PALAVRAS-CHAVE:** *atividade física; paralisia cerebral, relações interpessoais.*

### **INTRODUÇÃO**

Durante o curso de Graduação em Educação Física pude vivenciar uma experiência como professora em um Programa de Extensão universitária que tem como objetivo desenvolver atividades físicas e recreativas para pessoas com deficiência com foco no desenvolvimento global contribuindo com sua autonomia na vida diária.

A vivência se deu com uma pessoa com paralisia cerebral que é caracterizada por uma alteração dos movimentos controlados ou posturais, devido a uma lesão, danificação ou disfunção do sistema nervoso central (Souza; Ferraretto, 1998).

Buscar entender os gostos e desejos de uma aluna com paralisia cerebral não é fácil. Perguntas como “Do que a aluna precisa? Do que gosta? Está confortável?” me acompanharam durante o processo. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo apresentar tal experiência destacando as dificuldades encontradas no planejamento e realização das atividades, na relação interpessoal, e seu impacto no desenvolvimento da aluna.



## METODOLOGIA

A experiência ocorreu no segundo semestre de 2018, com uma aluna de 23 anos de idade, distribuídas em duas aulas semanais de 50 minutos, na sala de psicomotricidade e na piscina do campus.

Para conhecer a participante, foi feita uma avaliação que envolveu: adaptação e sobrevivência ao meio aquático, manuseio de objetos, locomoção com cadeira de rodas, conhecimento de cores, números, letras e memória. Percebeu-se que a aluna tinha dificuldades em: mergulhar a cabeça na água, boiar, imitar a professora, fazer associações, realizar duplas-tarefas, seguir uma linha de raciocínio, noção espacial, conversar e expressar suas vontades e de locomoção. Assim, foram planejadas 30 aulas, das quais a aluna participou de 13.

Por fim foi realizada uma reavaliação para comparar e analisar seu desenvolvimento, inserindo atividades lúdicas: jogo de boliche, corrida e “passa a bola” junto com outro participante do programa.

## RESULTADOS

Analisando as avaliações, percebe-se pouco desenvolvimento da aluna. As aulas, repetitivas e mecânicas, não contribuíram para o desenvolvimento motor, confirmando as ideias de Winnick (2004) de que o atraso motor se deve justamente à falta de oportunidade de movimento que é imposta ao deficiente. Isso foi percebido após mudança de local das aulas de psicomotricidade que passaram a ser realizadas na área externa onde havia mais estímulos, deixando-a mais solta, comunicativa e disposta a ouvir e realizar as atividades, observando maior desenvolvimento da aluna. Tal mudança ocorreu após comentário da mãe de que a aluna não gostava da sala.

A interação com outro aluno proporcionou alegria e estímulo: demonstrou espírito competitivo, melhor controle de força, percepção de distância e aceitação de comandos, tentando copiar o menino. Na corrida a aluna demonstrou maior locomoção e impulso na cadeira de rodas. Na piscina, apresentou controle de tronco e pernas, que antes afundavam no nado, e a imersão completa da cabeça na água.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser meu primeiro contato com uma pessoa com paralisia cerebral, para mim a expressão facial demonstrada durante as atividades era decorrente da deficiência. Só pude entender que eram de desânimo quando houve mudança de ambiente e surgiram novas expressões e, portanto, novos sentimentos o que comprova a importância da relação com a família para entender as necessidades da aluna e de se colocar o aluno em primeiro lugar no planejamento.

Além disso, devemos estar atentos às formas de aprendizagem de cada aluno, como neste caso que respondeu bem quando desafiada e em interação com o outro. Não existem “receitas educacionais” prontas, e devemos estar abertos a mudar as formas de se ensinar (Hoffmann, Tafner; Fischer, 2014), se falar, onde se ensinar e com quem estar.

## REFERÊNCIAS

- Hoffmann, R. A.; Tafner, M. A.; Fischer, J. Paralisia cerebral e aprendizagem: um estudo de caso inserido no ensino regular. *Instituto Catarinense de Pós-Graduação*. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/07/PC-E-APRENDIZAGEM.pdf>>. Acesso em: 12 Abr. 2019.
- SOUZA, A.; FERRARETTO, I. *Paralisia cerebral aspectos práticos*. São Paulo: Memnon, 1998.
- WINNICK, J. *Educação Física e Esportes Adaptados*. 3 ed. São Paulo: Manole, 2004.

